

# O neostalinismo, nostalgia e o realismo capitalista

## *Neo-stalinism, nostalgia and capitalist realism*

*“É mais fácil imaginar um socialismo burocrático, autoritário e moralista do que um socialismo libertário”*

Sidarta Landarini\*

### Introdução

Desde o lançamento da edição em português do livro *Realismo capitalista* de Mark Fisher pela Autonomia Literária (2020), o conceito de “realismo capitalista” vem sendo adotado por uma parte considerável da esquerda brasileira, especialmente por alguns *influencers*<sup>1</sup>, como Ian Neves e Jones Manoel. O conceito “realismo capitalista” busca apresentar uma síntese de explicação para o complexo de relações e dinâmicas do estágio contemporâneo do capitalismo após o fim da URSS. Em diálogo construtivo com os arranjos teóricos de capitalismo tardio de Fredric Jameson (1997)<sup>2</sup>, por vezes se utilizando de bases lacanianas *à la* Žižek, mas também de Badiou, e se inspirando no marxismo “pós-fordista” italiano de Antonio Negri, Christian Marazzi e Bifo Berardi (Marques, 2020).

A defesa central de Fisher (2020) é o argumento do “futuro cancelado”, ou seja, há uma série de mecanismos que operam no capitalismo contemporâneo que alimentam a incapacidade de imaginar algo além do próprio sistema. Por exemplo, a nostalgia presente na indústria cultural, seja na estética sonora dos anos 1980, quanto em filmes e séries que se ambientam em tal período, alguns exemplos atuais; *Stranger things* ou a refilmagem da novela *Pantanal*. Outro exemplo é o caso de diversas obras cinematográficas *mainstream* abordarem o tema da distopia, dando margem ao subtítulo que acompanha o livro, e se tornou um clichê na esfera digital da esquerda: “É mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo” (Fisher, 2020).

A questão é: toda a estruturação da tese do realismo capitalista vai em choque com as bases teóricas e práticas defendidas por alguns *influencers* que se utilizam de tal conceito em suas análises. Além disso, defendo que o próprio “ascenso” de tais sujeitos com a respectiva “linha teórica neostalinista” é fruto, em parte, da dinâmica apontada por Mark Fisher (2020).

---

\* Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pesquisador associado ao Grupo de Reconhecimento de Universos Artísticos/Audiovisuais (GRUA/UFRJ) da mesma universidade. E-mail: sidlandarini@gmail.com.

<sup>1</sup> O termo *influencer* serve para definir figuras públicas que surgiram pela dinâmica de empresas digitais (redes sociais) como por exemplo, o Youtube, Twitter e Instagram. Tendo como objetivo “influenciar”, “vender um estilo de vida”, “divulgar/propagandear uma ideia”.

<sup>2</sup> “O que permitiu o autor realizar essa virada de sentido e aceção do termo foi o esquema histórico-econômico apresentado por Ernest Mandel (1982), que, segundo ele, teria sido uma das mais importantes interpretações marxistas surgidas no período pós-guerra, em contraposição aos diagnósticos e ‘generalizações sociológicas ambiciosas’ (sociedade pós-industrial, pós-moderna, de informação, consumo, etc.), ao servir como comprovação teórica de que a nova realidade em debate nos anos 1970 era produto de uma modificação sistêmica do próprio capitalismo e não a entrada numa nova ordem social, ou seja, a continuidade em relação ao que precedeu e não a quebra, ruptura ou mutação que conceitos como ‘sociedade pós-industrial’ pretendem ressaltar (Jameson, 1997, p. 22)” (Marcelino, 2019, p. 77).

Vejam, o canal da Twitch e Youtube chamado *História pública*, dirigido por Ian Neves, realizou uma *live* chamada “O que é leninismo? Trotskismo é leninista?”<sup>3</sup> com a participação de Froggy<sup>4</sup>. O vídeo se resume a ser uma propaganda antitrotskista, resgatando argumentos datados da disputa do termo marxismo-leninismo como oposição à tradição trotskista. Outro *influencer* de maior alcance que reivindica deturpação semelhante do termo marxismo-leninismo é Jones Manoel; um exemplo são seus vídeos que tentam trabalhar a oposição Trotsky *versus* Stalin como falsas polêmicas, contudo sempre concluindo a favor do stalinismo<sup>5</sup>. Porém, ambos utilizam do realismo capitalista em suas análises, com maior destaque a Ian que possui um vídeo de 1h e 18 minutos tratando exclusivamente do assunto<sup>6</sup>, e é um dos vídeos mais assistidos do seu canal. Enquanto Jones, de maneira mais tímida, utiliza a proposta de Fisher no vídeo *Capitalismo, medo e dominação*<sup>7</sup>.

Estes dois personagens ao executarem suas movimentações de perseguição e calúnia ao trotskismo, e/ou ode à experiência stalinista, se enquadram no movimento que ganhou uma pequena força graças à dinâmica da internet, o neostalinismo. Podemos caracterizar o neostalinismo como uma tentativa de revisão histórica e repaginada “*clean*”, “moderna”, das práticas associadas a tal tradição política que se esconde na terminologia “marxista-leninista” e dificilmente confessa assumidamente sua predileção a um processo histórico falido, burocrático, moralista e autoritário (Trotsky, 1980). A má-fé argumentativa deste setor situa a crítica ao stalinismo como discurso “anticomunista”, relativiza, oculta ou ameniza barbáries cometidas durante o momento histórico da URSS sob comando de Stalin, e também incitam agressões de “manada” revivendo e entoando frases como “Stalin matou pouco” ou piada com picaretas, seja em ambiente virtual ou físico<sup>8</sup>.

O zumbi que é o neostalinismo não é obra de Jones ou Ian, a ação destes atores dentro da esquerda é fruto direto de uma dinâmica maior que eles. Não à toa, Jones faz um esforço em combater aqueles que falam em existir um neostalinismo, ao menos no que diz respeito à obra de Domenico Losurdo (Silva, 2021)<sup>9</sup>. Quando afirmo a existência de uma dinâmica maior do que tais sujeitos, quero argumentar que uma parcela do neostalinismo, especialmente o setor da juventude, age de maneira similar aos setores da *alt-right*, através de empresas digitais com memes e em fóruns como o 4chan e Reddit, utilizando a *nostalgia* como seu afeto fundante, dinâmica bem caracterizada pela teoria do realismo capitalista de Mark Fisher (2020).

<sup>3</sup> História Pública. “O que é Leninismo? Trotskismo é ‘Leninista?’” (part. Froggy). Youtube, 08/11/2021. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=mn8TeY-rMoI&t=623s&ab\\_channel=Hist%C3%B3riaP%C3%BAblica](https://www.youtube.com/watch?v=mn8TeY-rMoI&t=623s&ab_channel=Hist%C3%B3riaP%C3%BAblica)>. Acesso em: 14/06/2022. E recomendo assistir ao “react” do canal Orientação Marxista, encontrado aqui: <história pública: mencheviques, lênin e trotsky | reagindo ep #176> e aqui: <história pública: leninismo e trotskismo. a nep | reagindo ep #175>.

<sup>4</sup> Froggy é um *streamer* da mesma corrente política que Ian.

<sup>5</sup> Jones Manoel. “Revolução permanente ou socialismo num só país? 80 anos de uma falsa polêmica”. Youtube, 03/03/2020. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=IBww6F2z3RE&ab\\_channel=JonesManoel](https://www.youtube.com/watch?v=IBww6F2z3RE&ab_channel=JonesManoel)>. Acesso em: 14/06/2022. E uma excelente resposta ou “react”: Orientação Marxista. “Jones Manoel ensina como falsificar a história”. Ep #38. Youtube, 11/04/2020. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=qrdYCllezMA&ab\\_channel=Orienta%C3%A7%C3%A3oMarxista](https://www.youtube.com/watch?v=qrdYCllezMA&ab_channel=Orienta%C3%A7%C3%A3oMarxista)>. Acesso em: 14/06/2022.

<sup>6</sup> História Pública. “Realismo capitalista (É mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo)”. Youtube, 11/10/2021. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=f62SRvGCPQo&ab\\_channel=Hist%C3%B3riaP%C3%BAblica](https://www.youtube.com/watch?v=f62SRvGCPQo&ab_channel=Hist%C3%B3riaP%C3%BAblica)>. Acesso em: 14/06/2022.

<sup>7</sup> Jones Manoel. “Capitalismo, medo e dominação”. Youtube, 13 dez. 2020. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=OuZxXTOfqkQ&ab\\_channel=JonesManoel](https://www.youtube.com/watch?v=OuZxXTOfqkQ&ab_channel=JonesManoel)>. Acesso em: 14/06/2022.

<sup>8</sup> Cf.: Chagas (2019).

<sup>9</sup> Textos que mostram a pertinência do neostalinismo como fenômeno que vai além de Domenico Losurdo: Purdy (2021); Afonso (2020).

Necessário ressaltar que há uma conjuntura geoeconômica e política além da dinâmica da internet e de uma suposta herança dos antigos quadros do Partido Comunista Brasileiro (PCB), da Unidade Popular (antigo Partido Comunista Revolucionário) ou do Losurdo para fazer renascer o stalinismo. O neostalinismo também encontra sua força como “zumbi ideológico” após a crise mundial de 2008, na qual, para pessoas carentes de um “campismo político”, a China surge aos olhos de uma geração como o modelo de socialismo do século XXI – visão que é completamente distorcida sobre os elementos econômicos de concessão ao capitalismo e da privação de liberdade que acontece naquele país, sendo apenas uma romantização da forma (estética) e apagamento do conteúdo revolucionário. E claro, necessário reconhecer que no contexto nacional há o acúmulo de erros das diversas correntes trotskistas, seja pelas posições polêmicas como as do PSTU, MES e CST sobre a Operação Lava Jato, “fora todos” ou de apoio a levantes reacionários, por exemplo do PSTU sobre o bombardeio da Líbia em 2011. Ou ainda, de outras correntes que compõem o quadro diverso do PSOL, que não conseguem se apresentar como diferentes diante das posições reformistas do seu partido, por exemplo, a “semifusão” do PSOL com a REDE em 2022.

Por último, antecipando possíveis críticas e comparações que alguns stalinistas fazem dos trotskistas com a teoria de Hannah Arendt, resalto que não compreendo como “dois lados da mesma moeda”, a expressão de tal diferença se pauta em dois pontos: a) a escrita deste artigo tem como objetivo fornecer material para a esquerda refletir sobre seu papel nas empresas digitais que está inserida. Visto que é inegável a importância de ocupar tais espaços para propagação do marxismo, porém é necessário ter responsabilidade histórica e ir além da performatividade em aparência do aspecto “revolucionário”; b) e diferente de Ian Neves, que defende abertamente a “caça aos trotskistas”, entendo e pratico a liberdade de polêmica crítica de dentro do campo revolucionário, não reduzindo qualquer crítica a esquerda como “anticomunista”, pois não realizo nenhum elogio ao modo de vida neoliberal.

### **A digitalização da experiência e sua dinâmica**

Não pretendo definir os contornos de uma suposta cultura da internet, acredito que o advento das tecnologias de compressão do tempo informacional (Wajcman, 2014) são “cotidianas, incorporadas e integradas” no sujeito, ou seja, não há separação entre mundo *online* e *offline*, os dois universos constroem-se e contaminam-se mutuamente (Hine, Parreira & Lins, 2020). Entender a linguagem que emerge nessa relação é fundamental para compreendermos os processos sociopolíticos do início do século XXI, pois é acusado que o ascenso da extrema-direita (*alt-right*) nos últimos anos se alimentou da estrutura algorítmica de funcionamento das empresas digitais, como o Facebook, Twitter, Youtube, 4chan (Alexander, 2018; Brown, 2019; O’Neal, 2016; Zuboff, 2021).

Existe uma forma estética e de comportamento que é valorizada nas empresas digitais (redes sociais) para conseguir alcance de público. A extrema-direita contemporânea abusou de tais ferramentas para propagar e arrebatar seguidores, cooptando sujeitos (em sua maioria, homens brancos de classe média/média baixa) após a crise econômica de 2007. Embora o *Occupy Wall Street* tenha tido relevância na luta pós crise econômica, no outro lado da disputa estava nascendo o “sujeito ressentido”, caricatura dos personagens que direcionam sua energia de tempo e trabalho para culpar imigrantes, negros, mulheres, gays etc. pelos infortúnios da crise econômica. O “sujeito ressentido” ocupou espaços importantes na política, por mais que seu discurso fosse “apolítico” e argumentasse utilizar canais de propagação “fora” da mídia tradicional (Kehl, 2020; Alexander, 2018; Kimmel, 2013; Zuboff, 2021).

De maneira um pouco tardia, a esquerda (ampla) elaborou sua forma de ocupar as empresas digitais para desenvolver sua propaganda. O problema é que não se criou uma nova linguagem, por conta da prisão algorítmica, a esquerda teve que aprender as regras do jogo e jogá-la da maneira mais *eficiente* possível (Dardot & Laval, 2016). Para isso, a forma estética teve que “reduzir” o conteúdo de discussões, criar espantalhos e caricaturas para defender pontos de vista. O que transformou tais empresas digitais em “campos” de disputas

hegemônicas para construir uma “cultura” da internet, tanto à esquerda, quanto à direita (Gramsci, 1995; Bourdieu, 2007).

Um tweet da página de memes de direita “Corrupção brasileira memes”, no dia 13 de outubro de 2018, dizia o seguinte: “O 4chan eleger Trump e o Zap zap vai eleger Bolsonaro, a era dos memes chegou pra ficar!”. Alguns meses depois, pipocaram notícias sobre o “*bol-sowave*” e o “*trumpwave*”, vertentes musicais de direita do gênero musical chamado *vapor-wave*, que no início dos anos 2010 causou reverberações estéticas e sonoras pelo mundo (Glitsos, 2018; Nowak & Whelan, 2018; Born & Haworth, 2018). Entendida como uma crítica à indústria cultural plastificada da música pop baseada nos anos 1980 (Reynolds, 2011), porém, derretida e misturada com elementos da história recente da internet, mas havia uma dúvida,

É uma crítica ao capitalismo ou uma capitulação a ele? São as duas coisas e ao mesmo tempo nenhum dos dois. Esses músicos podem ser lidos como anticapitalistas sarcásticos revelando as mentiras e deslizes da tecnocultura moderna e suas representações, ou como enfáticos estimuladores, tremendo de prazer a cada nova onda do agradável som (Jones, 2012, tradução nossa)<sup>10</sup>.

Ou seja, estas duas situações são exemplos da internet como campo de disputa em performar elementos de uma “tecnocultura”, porém as regras da performatividade são dadas pela forma estética da algoritmização das empresas digitais, pois é nela que acontece a ação de experiência dos sujeitos. Desta maneira, a *alt-right* se fortalece pela narrativa de caça aos comunistas, performando uma realidade presa em um passado, na qual o mundo era dividido geopoliticamente entre capitalistas *versus* comunistas, e uma parte da esquerda reitera tal discurso. Ambos os lados presos no século XX e suas discussões, porque precisam de tal estrutura narrativa para sustentarem o alcance de público nas empresas digitais, ao mesmo tempo em que tal narrativa funciona como um mecanismo de defesa para não lidarem com o *real* (Fisher, 2020).

Ian Neves se dedicou a produzir longos vídeos, tanto sobre o realismo capitalista, quanto sobre como o “trotskismo deve ser combatido”. Em um desses vídeos, Neves explicita que sua aproximação com a esquerda foi por fora dos espaços tradicionais, por exemplo, culpa o movimento estudantil por tê-lo afastado da política e confessa que sua experiência universitária no curso de História na USP não foi boa em termos “sociais”. Sem dúvida nenhuma, o movimento estudantil, sindicatos e outras formas mais tradicionais da política são carregadas de vícios, burocráticos e comportamentais, mas se opor a eles para construir a narrativa do porquê se tornou “comunista” é realizar trajetória semelhante à do “sujeito ressentido”, apolítico.

Vejamos, Ian profere frases como “para o trotskista todo mundo é burro menos ele”, “o trotskismo é pseudomarxista, ultrarrevolucionário e esquerdista”, “todo trotskista tem como linha combater o Stalin” – frase dita pela pessoa que dedicou uma hora de vídeo para difamar o marxismo-leninismo de viés trotskista sob um argumento “científico histórico”. Mas não só isso, segundo ele, o movimento estudantil trotskista utiliza de “coletivos de música” para atrair calouros e as universidades estão infestadas de trotskistas, conteúdo argumentativo semelhante é utilizada por figuras da direita, como Lobão<sup>11</sup>.

O “sujeito ressentido” é acolhido pela dinâmica que as empresas digitais oferecem, principalmente por estimular discursos extremistas. E aqui cabe uma consideração, discurso

<sup>10</sup> Original: “Is it a critique of capitalism or a capitulation to it? Both and neither. These musicians can be read as sarcastic anti-capitalists revealing the lies and slippages of modern techno-culture and its representations, or as its willing facilitators, shivering with delight upon each new wave of delicious sound” (Jones, 2012).

<sup>11</sup> Cortes do História Pública. “Como me tornei comunista | Cortes do História Pública”. Youtube, 25 jun. 2002. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=9PM8ewmunD4&t=1220s&ab\\_channel=CortesdoHist%C3%B3riaP%C3%B3blica](https://www.youtube.com/watch?v=9PM8ewmunD4&t=1220s&ab_channel=CortesdoHist%C3%B3riaP%C3%B3blica)>. Acesso em: 02/07/2022.

extremista é diferente de discurso radical, pois discurso radical busca ir à raiz dos problemas, enquanto o discurso extremista apela para adjetivos, espantalhos, preconceitos e afins. Discurso extremista é raso de conteúdo, sua expressão é a forma. Um bom discurso radical, alia forma e conteúdo. Ou seja, a dinâmica das empresas digitais estimula a expressão de tais sentimentos sem nenhum processo reflexivo do sujeito, pois falar “Stalin matou pouco” rende curtidas e legitimação no núcleo social (Rupnik, 2012; James, 2008; Zuboff, 2021). Soma-se nessa receita, a nostalgia por um tempo que só existe na cabeça de quem conta, que acolhe e leva o “sujeito ressentido” para um espaço de conforto (Boym, 2017; Fisher, 2014), formando-se o *troll* neostalinista.

### O realismo capitalista na prática

O termo realismo capitalista é inspirado na versão paródica de realismo socialista, mais conhecido como socialismo real, só que aplicada ao neoliberalismo após a morte deste último com a queda do muro de Berlim. Ou seja, “O ‘realismo’ [...] é análogo à perspectiva deflacionária de um depressivo, que acredita que qualquer estado positivo, qualquer esperança, é uma perigosa ilusão” (Fisher, 2020, p. 14). Para Fisher (2020), “trata-se mais de uma atmosfera penetrante, que condiciona não apenas a produção da cultura, mas também a regulação do trabalho e da educação – agindo como uma espécie de barreira invisível, limitando o pensamento e a ação” (Fisher, 2020, p. 33).

Os exemplos usados por Jones Manoel em seu vídeo *Capitalismo, medo e dominação* para explicar o que é o realismo no discurso do capitalismo reduzem o significado do conceito, ao torná-lo apenas um aparato argumentativo na retórica da direita e que sempre esteve presente no capitalismo. Jones tenta mostrar que durante o debate eleitoral do estado de São Paulo em 2020, Boulos sempre era taxado de utópico, enquanto Covas era mostrado como realista e sensato, expondo como tal ferramenta é utilizada para controle e inibição de propostas mais “ousadas”. Vejamos a transcrição de sua fala:

Uma coisa nessa eleição tem me chamado muita atenção [...] Como o capitalismo no processo de circulação da economia política dos afetos, tem o medo como seu afeto, seu sentimento principal. Como assim? [...] O que fizeram com toda eleição do Guilherme Boulos? Trataram as propostas de Boulos, como algo radical, utópico, irrealizável, algo que iria desestruturar as finanças públicas da prefeitura, ia causar uma confusão na máquina administrativa, nada ia funcionar, Boulos vai acabar com as creches, o transporte [...] No Roda Viva [Boulos foi chamado] de utópico, vendedor de sonhos e que parecia uma aula de filosofia, [...] falar que quer garantir casa e comida pra todo mundo, [...] falar que não pode achar normal que as pessoas reviram lixo atrás de comida, não se pode achar normal que na cidade mais rica e da América Latina tenha milhares de famílias sem casa. [...] O capitalismo se fundamenta basicamente na lógica do medo. Na lógica de que qualquer tentativa de construir um outro modelo de sociedade [...] vai terminar em tragédia econômica. [...] É o que o Mark Fisher chama de Realismo capitalista, você mobiliza fundamentalmente o medo, a paranoia social, presente, seja com o bandido, seja com o traficante, seja comunista, seja com o militante do movimento social que vai invadir sua casa. E essa é a principal razão para fazer com que as pessoas se apeguem a ordem dominante <Transcrição do vídeo *Capitalismo, medo e dominação* de Jones Manoel, lançado no dia 23 de Dez de 2020>.

Mas se formos crer no significado de realismo capitalista como foi apresentado por Jones, encontramos o mesmo artifício lógico-argumentativo, que outrora fora utilizado pela direita paulista, sendo usado em seu vídeo *A ecologia na União Soviética* – um ano após o vídeo da transcrição anterior na qual expôs sua leitura do realismo capitalista – para se posicionar contra a defesa de Michel Lowy pelo ecossocialismo. Vejamos:

Nesse vídeo da Boitempo ele fala que a questão central é a questão ecológica. Até acredito que é uma pauta central da revolução socialista brasileira e no mundo. Mas tem várias outras questões centrais, como por exemplo, a ameaça de guerra.

Enfrentamento da máquina de guerra do imperialismo, como é que se constrói um complexo nacional revolucionário em defesa para se defender da máquina de guerra dos Estados Unidos? Quais são os impactos ambientais que isso terá? Porque assim, eu gostaria muito de viver num mundo em que a gente tomasse o poder amanhã, e não tivesse mais CIA, mais OTAN [...]. Que o dólar não fosse a moeda mundial de comércio, que os aparatos de mídias globais não fossem controlados pelos Estados Unidos. Que os Estados Unidos não tivessem mais de 800 bases militares pelo mundo. Que a América Latina não estivesse cercada de bases militares [...]. Eu gostaria, mas não é assim que é o mundo <Transcrição do vídeo *A ecologia na União Soviética* de Jones Manoel, lançado 9 de Dez de 2021>.

Um ano após o vídeo em que cita o realismo capitalista para explicar os processos de medo e dominação no capitalismo, Jones Manoel justifica sua posição antieconomicista, utilizando da mesma técnica que criticou. Ou seja, usa do medo para justificar não ser possível um processo de transição socialista pautado no economicismo. Primeiro, antes de haver revolução brasileira, já se imagina que será um processo rebaixado de mobilização popular, aplica o famoso discurso realista quando afirma “eu gostaria, mas não é assim que é o mundo”. É exatamente o mesmo método argumentativo utilizado pela burguesia no segundo turno de São Paulo, com o objetivo de convencer as pessoas que o programa de Boulos fosse visto como um programa radical e impossível de ser colocado em prática. Discursos como este último de Jones Manoel são responsáveis, aos poucos, por ceifarem os sonhos de uma alternativa ao neoliberalismo predatório do meio ambiente.

A preocupação de guerra, instabilidade política interna e da influência do imperialismo estadunidense afetar um hipotético processo revolucionário é inteiramente legítima. A história na América Latina é contada a sangue por conta da dinâmica de guerra instaurada pelo imperialismo da burguesia dos EUA, por isso o caráter internacionalista é a única saída possível. Com o discurso de medo do inimigo externo (hipotético e mais forte do que o processo revolucionário) busca apenas como resultado a disciplina de qualquer possibilidade de a classe trabalhadora avançar em seus objetivos. Tal argumento, utilizado por Jones, é recorrente na tradição política que teoriza sobre política internacional pela perspectiva campista, ou seja, sujeitos que estão presos em uma concepção geopolítica pautada pela guerra fria, após mais de 30 anos do seu fim. Não à toa, Jones Manoel é um ferrenho defensor do governo chinês<sup>12</sup>, por isso a máxima de Fisher em seu texto *Ghosts of my life* continua pertinente: “nós estamos presos no século XX”<sup>13</sup> (Fisher, 2014, tradução nossa).

Ian consegue ser “pior” como vítima do realismo capitalista, pois não só enxerga Stalin como a encarnação de Lênin, mas também defende o centralismo teórico, ao ponto de criticar o centralismo democrático do PCB, por ser “solto demais”, fazendo com que Jones Manoel tenha que defender o óbvio; “O PCB, que não é uma seita ou igreja, os militantes não são obrigados a ter a mesma posição sobre a obra de Mariátegui, a Longa Marcha da China, os Processos de Moscou, se o marxismo é ou não uma ontologia do ser social etc.”<sup>14</sup>.

A instabilidade, insegurança material e social que o realismo capitalista provoca nos sujeitos, reflete-se, por exemplo, na defesa de Ian Neves em propagar ideias de pensamento único, ou seja, ser proibido pensar diferente dentro de uma organização política. Sua prática é se apegar ao máximo em fantasias que não permitam lidar com a contradição, o erro, o diferente, a diversidade. Esta decisão, a meu ver, vai na contramão do marxismo como práxis revolucionária. Por exemplo, em seu vídeo de crítica ao trotskismo, Ian utiliza um parágrafo

<sup>12</sup> Jones Manoel. “Mitos e verdades sobre o desenvolvimento chinês – ep. IV Ajuda, professor”. Youtube, 12 mai. 2019. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=0DJUM4zQt0A&t=4s&ab\\_channel=JonesManoel](https://www.youtube.com/watch?v=0DJUM4zQt0A&t=4s&ab_channel=JonesManoel)>. Acesso em: 14/06/2022; e seu malabarismo teórico: Jones Manoel. “A análise de Domenico Losurdo sobre a China”. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=vb5YjJphI3A&ab\\_channel=JonesManoel](https://www.youtube.com/watch?v=vb5YjJphI3A&ab_channel=JonesManoel)>. Acesso em: 14/06/2022.

<sup>13</sup> Original: “We are trapped in the 20<sup>o</sup> century” (Fisher, 2014).

<sup>14</sup> Disponível em: <[https://twitter.com/jonesmanoel\\_PCB/status/1551332180026134529](https://twitter.com/jonesmanoel_PCB/status/1551332180026134529)>. Acesso em: 26/06/2022.

de Mandel elogiando o fim da URSS, mas diferente da tradição teórica de Ian, a tradição do trotskismo (mandelista) reconhece a posição “falha” de seu antigo dirigente sobre o fim da URSS<sup>15</sup>. Além disso, há uma miríade de correntes trotskistas que enriquece a diversidade do pensamento marxista, não só nesta posição como em diversas outras, pois só em organizações que acolhem a autocrítica e liberdade de pensamento tal atitude é possível (Bensaid, 2019).

### A juventude neostalinista como consequência do realismo capitalista

*Substitua o realismo capitalista por neostalinismo nesta frase: “[...] o realismo capitalista apresenta a si mesmo como um escudo que nos protege dos perigos resultantes de acreditar demais” (Fisher, 2020, p. 13).*

De acordo com Fisher, uma das principais ferramentas para preservar o estado de “impotência reflexiva e imobilização” na sociedade atual é o abuso da nostalgia. Se o stalinismo se preservou na esquerda brasileira pós-queda do muro de Berlim graças a alguns acadêmicos do PCB, da retórica entreguista do PCdoB ou da hierarquia burocrática do PCR (UP), a dinâmica do “fim da história” e do “pós-modernismo”, ao invés de eliminá-los, os absorveu e construiu um espantalho de suas posições para figurar no museu: “aquilo que é a esquerda”, e por isso o real capitalismo é melhor do que eles. Como vítimas desse processo, em vez de assumirem a derrota por conta das suas escolhas, a tradição stalinista, como mecanismo de defesa, apegou-se ainda mais ao seu passado. Só que agora, o passado pode ser recriado, imaginado, fantasiado e seguro na memória contra a presentificação e fragmentação da vida que o neoliberalismo provoca.

Então, “[...] uma geração que já nasceu nesta cultura pontilhada, a-histórica e antimemônica – uma geração para a qual o tempo, desde sempre, veio cortado e embalado em micro fatias digitais” (Fisher, 2020, p. 48) precisa encontrar segurança em algum lugar para conseguir criticar o capitalismo, e é muito mais fácil encontrar na fantasia do socialismo real<sup>16</sup>. E a dinâmica da internet ama, fetichiza e alimenta a estética do fim da história como prisão no século XX, é o *Vaporwave*, é o meme *reject modernity, embrace tradition* etc. É a criação de espaços de afetação nostálgica para transportar sujeitos a lugares de segurança emocional a fim de conseguirem lidar com a instabilidade da vida cotidiana. É neste cenário que Jones Manoel e Ian Neves se tornam pseudorrelevantes para uma parte da juventude de esquerda.

O problema é que “[...] a nostalgia pelo contexto em que os velhos tipos de *práxis* podiam operar é simplesmente inútil” (Fisher, 2020, p. 50). Mas como ela é imaginada, embelezada e reduzida em sua complexidade, nos memes, nas palavras de ordem e nos clichês dos discursos, torna-se conveniente para os sujeitos escolherem tal caminho, sem nenhum processo autocrítico. Ainda, segundo Fisher (2020): “o novo se define como resposta ao canônico e, ao mesmo tempo, o canônico tem que se reconfigurar em resposta ao novo. [...] A tradição não tem valor se ela não é mais contestada e modificada” (Fisher, 2020, p. 12). Portanto, é uma geração de militantes comunistas que se negam a contestar e modificar sua tradição, satisfazendo-se com a mudança na aparência, através da estética de idealização do passado, ao invés de criticá-lo com substância. Desta maneira, preservam inconscientemente o estágio atual das coisas como estão, ao invés de propor o novo, ficam sempre presos na justificativa ao realismo capitalista que o “socialismo real não foi bem assim como você está falando”.

<sup>15</sup> S/A. “Our International – International Viewpoint – online socialist magazine”. Publicado em 1996. Disponível em: <<https://internationalviewpoint.org/spip.php?article351>>. Acesso em: 14/06/2022.

<sup>16</sup> “Por um lado, é uma cultura que privilegia apenas o presente e o imediato - a extirpação do ‘longo prazo’ se estende no tempo tanto para frente quanto para trás [...] por outro, é uma cultura excessivamente nostálgica, propensa à retrospectiva, incapaz de gerar novidades autênticas” (Fisher, 2020, p. 99).

[...] a resistência ao ‘novo’ não pode, ou deve, ser o ponto central da mobilização da esquerda hoje. O capital foi muito astuto e cuidadoso em seu empenho de esfacelar o trabalho organizado; porém, ainda não há acúmulo de pensamento o suficiente sobre quais táticas irão funcionar contra o capital em condições pós-fordistas, e que nova linguagem pode ser inventada para lidar com tais condições. É importante contestar a apropriação capitalista do ‘novo’, mas reivindicar o ‘novo’ não pode ser confundido com uma adaptação às condições em que nós nos encontramos – já nos adaptamos bem demais (Fisher, 2020, p. 52).

O novo é um processo a ser construído, uma linguagem para ser inventada, um inconsciente para se descolonizar, um processo permanente de construção do sujeito revolucionário.<sup>17</sup> Para Fisher (2020), um caminho é trabalhar em cima das três fraturas do discurso capitalista: o meio ambiente, a saúde mental e a burocracia. O neostalinismo tem muita dificuldade em lidar com tais fraturas. Pois, sobre o meio ambiente é necessária uma postura ecossocialista contra o desenvolvimento industrial, sobre a saúde mental é preciso uma posição antimanicomial, não moralista com as drogas ou pejorativa ao diferente, e bom, sobre a burocracia, o apego a cargos e posições hierárquicas é recorrente em sua tradição, para isso é necessário transparência, e convenhamos, se formos fiéis às fontes históricas veremos que tal ponto nunca foi o forte do stalinismo.

Outros acreditam que a resposta esteja nos sujeitos desamparados, despossuídos de predicado (Safatle, 2015; 2020), um exemplo é a mobilização dos entregadores antifascistas, aqui, inclusive, Jones Manoel está correto ao falar do ódio revolucionário quando conversa com Paulo Galo, entregador e militante antifascista. Mas para usar o afeto do ódio como base revolucionária tem que ter coragem de construir o novo<sup>18</sup>. O neostalinismo tem repulsa em ousar ir além do que já foi feito nas experiências socialistas do passado, fica eternamente preso no mecanismo de defesa em não enxergar o Real, pois se isso acontece, morre o grande Outro.<sup>19</sup> É como se fosse um tipo de “amnésia anterógrada”, que segundo Fisher,

[...] neste tipo de amnésia as memórias anteriores ao início da condição permanecem intactas, mas os indivíduos são incapazes de transferir novas memórias para a memória de longo prazo. Por isso, tudo o que for novo aparece como hostil, fugaz, impossível de navegar, e o paciente refugia-se na segurança daquilo que já é velho e conhecido. Incapacidade de formar novas memórias: uma definição concisa do impasse pós-moderno (Fisher, 2020, p. 100).

Reforçando o que já disse, o novo para o neostalinista é a mudança estética sobre olhar para o passado, isso já é o suficiente. Segundo Svetlana Boym (2017) há duas formas de nostalgia aplicada ao presente: a restauradora e a reflexiva. A primeira se associa à ideia de conservação de um *status quo*, de retomada a um passado idealizado, encontrada nos grupos *alt-right* e no neoconservadorismo aliado ao neoliberalismo (Brown, 2019). Já a segunda,

<sup>17</sup> Curiosamente tal afirmação também virou um meme na internet, o que por um lado banaliza sua importância, pois cria uma caricatura da esquerda que se preocupa com tais discussões, porém, por outro, dissemina a importância da temática.

<sup>18</sup> Cf.: Souza, Otatti & Landarini (2021).

<sup>19</sup> “A elaboração que faz Žižek acerca do ‘grande Outro’ lacaniano é de crucial importância. O grande Outro é a ficção coletiva, a estrutura simbólica pressuposta em todo campo social. O grande Outro nunca é encontrado diretamente: nos confrontamos apenas com seus representantes (que nem sempre são figuras de autoridade). [...] O grande Outro era aquele a quem se destinava o ‘não saber’ – aquele a quem não é permitido conhecer a realidade cotidiana do ‘socialismo realmente existente’. No entanto, a distinção entre o que o grande Outro sabe e aquilo que todos os indivíduos sabem e experimentam no dia-a-dia está longe de ser um vazio ‘meramente’ formal; é a discrepância entre os dois que permite que a realidade social ‘comum’ funcione. Quando não é mais possível manter a ilusão de desconhecimento por parte do grande Outro, desintegra-se o tecido que mantinha coeso todo o sistema social. Por isso a gravidade do discurso de Khrushchev em 1965, quando ‘admitiu’ os erros do Estado soviético. Não era como se no Partido já não estivessem cientes das atrocidades conduzidas em seu nome, mas o anúncio público por parte de Khrushchev tornava agora impossível acreditar que o grande Outro as ignorasse” (Fisher, 2020, pp. 78-79).



a nostalgia reflexiva, pode ser usada como um motor para o futuro, pois ela não “finge reconstruir um lugar mítico chamado lar” (Boym, 2017, p. 160). Os neostalinistas como fruto do realismo capitalista têm muita dificuldade em tornar sua nostalgia um ato reflexivo, ou seja, de mudança futura. Escolhem a evitação, a fuga do assunto, a denegação. É o caso de elencar uma neurótica e falsa base argumentativa para tratar sobre a divisão que aconteceu entre Stalin e Trotsky nos moldes de uma “falsa polêmica”, é a mesma coisa que falar “é melhor fingir que não existiu”, logo, não existe tal coisa de stalinismo e trotskismo<sup>20</sup>.

Outro argumento usado para falar que são “marxistas-leninistas” e não “stalinistas” é enumerar as responsabilidades para a elite dirigente que fazia companhia a Stalin (até alguns que foram sumindo na foto), como forma de descentralizar a responsabilidade das atrocidades cometidas naquele período. Talvez, a burocracia fosse tanta que realmente as coisas funcionassem assim:

A imagem kafkiana de um infinito e labiríntico purgatório burocrático coincide com a afirmação de Žižek de que o sistema soviético era um ‘império dos signos’, no qual até os membros da Nomenklatura – incluindo Stalin e Molotov – se viam obrigados a se engajar na tentativa de decifrar uma complexa série de signos semiótico-sociais. Ninguém efetivamente sabia o que estava sendo requerido; tudo o que os indivíduos podiam fazer era tentar adivinhar os significados de gestos e diretrizes (Fisher, 2020, p. 84).

Acho que desviei um pouco do assunto porque “um dos vícios crônicos da esquerda é a interminável repetição de antigos debates históricos, sua tendência a continuar passando por Kronstadt ou pela Nova Política Econômica ao invés de planejar e organizar um futuro no qual realmente acredita” (Fisher, 2020, p. 130). Por isso, a questão central é: “[...] quanto tempo pode durar uma cultura sem o novo? O que acontece quando os jovens já não são mais capazes de produzir surpresas? [...] é bem provável que o futuro nos reserve apenas repetição e recombinação” (Fisher, 2020, p. 11). No entanto, “esse fatalismo só poderá ser combatido seriamente pela emergência de um sujeito político novo (e coletivo)” (Fisher, 2020, p. 89).

E não podemos ser “[...] uma esquerda derrotista e nostálgica, presa numa retórica de ‘resistência e obstrução’, [que] acaba irreflexivamente trabalhando a favor da anti-metanarrativa do capital como a única opção que para em pé” (Marques, 2020, p. 201), como fazem os neostalinistas ao ressuscitarem o campismo e ao defenderem sem crítica (ou subestimar os problemas) da China e da Coreia do Norte.

Badiou tem insistido vigorosamente, um anticapitalismo efetivo deve ser um rival do capital, não uma resposta reativa ao capitalismo. Não é possível retornar às territorialidades pré-capitalistas. O anticapitalismo deve se opor à globalização do capital com sua própria, a autêntica, universalidade (Fisher, 2020, p. 131).

Por isso, diversas organizações políticas se esforçam para a construção de internacionais comunistas, enquanto os militantes neostalinistas estão defendendo a universalidade dos trabalhadores pautada no capital chinês, pois, para eles, devemos praticar uma certa “relatividade cultural” para compreender a questão chinesa. Mas pergunto, a diferença cultural dos bilionários chineses e sua relação com a burocracia dirigente do PCC comparada aos bilionários estadunidenses e seu lobby no congresso, realmente é relevante para a luta da classe trabalhadora? “Ah, mas o bilionário chinês lê Marx”, até a ex-esposa do Elon Musk “lê” Marx. Enquanto isso, fábricas lotadas de trabalhadores, tanto na China quanto nos EUA, constroem o mundo mas continuam com fome, sem teto, “despossuídos de predicados”.

## Considerações finais

Busquei neste artigo situar o discurso de dois *influencers* da esfera digital de esquerda como fruto do espectro realista capitalista, a partir disso apontei a contradição em

<sup>20</sup> Assim como a insistência em negar o movimento “neostalinista”.

utilizar deste conceito em análises publicadas na linguagem algorítmica de empresas digitais (redes sociais) sem reflexividade crítica sobre seu próprio papel de *influencer* ao reproduzir a linha teórica neostalinista. Ou seja, as empresas digitais e seus algoritmos constroem um campo propício para encenar nostalgicamente o stalinismo, o que por sua vez, proporciona segurança em sujeitos vítimas da instabilidade e fragmentação da vida no neoliberalismo, e como consequência negativa há o engessamento em uma parcela da juventude da esquerda brasileira para imaginar outras formas de construir vida.

## Referências

- AFONSO, Manuel. "Trotskismo e (neo)estalinismo – um debate com Jones Manoel", *Esquerda Online*. Publicado em 22 de agosto de 2020. Disponível em: <<https://esquerdaonline.com.br/2020/08/22/trotskismo-e-neoestalinismo-um-debate-com-jones-manoel/>>. Acesso em: 14/06/2022.
- ALEXANDER, Jeffrey. "Vociferando contra o iluminismo: a ideologia de Steve Bannon", *Sociologia & Antropologia*. Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, 2018, pp. 1009-1023. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2238-38752018v8310>>. Acesso em: 06/04/2023.
- BENSAID, Daniel. *Trotskismos*. Fortaleza: Plebeu Gabinete de Leitura, 2019.
- BORN, Georgina & HAWORTH, Christopher. "From Microsound to Vaporwave: internet-mediated musics, online methods, and genre", *Music and Letters*. Oxford, v. 98, n. 4, 2017, pp. 601-647.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Difel, 1989.
- \_\_\_\_\_. *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Outline of a theory of practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- BOYM, Svetlana. "Mal-estar na Nostalgia", *História da historiografia*. Ouro Preto, v. 10, n. 23, 2017, pp. 153-165.
- BROWN, Wendy. *Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente*. São Paulo: Politeia, 2019.
- CHAGAS, Juary. "O (neo)stalinismo no Brasil contemporâneo: revisionismo teórico, apagamento da história e deformações metodológicas", *Teoria*. Esquerda Online, 23 nov., 2019. Disponível em: <<https://esquerdaonline.com.br/2019/11/23/o-neostalinismo-no-brasil-contemporaneo-revisionismo-teorico-apagamento-da-historia-e-deformacoes-metodologicas/>>. Acesso em: 14/06/2022.
- DARDOT, Pierre & LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- FISHER, Mark. *Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?* São Paulo: Autonomia Literária, 2020.
- \_\_\_\_\_. *Ghosts of my life: writings on depression, hauntology and lost futures*. Winchester/Washington: Zero Books, 2014.
- GLITSOS, Laura. "Vaporwave, or music optimised for abandoned malls", *Popular Music*. Cambridge, v. 37, n. 1, 2018, pp. 100-118.
- GRAMSCI, Antônio. *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- HINE, Christine; PARREIRAS, Carolina & LINS, Beatriz Accioly. "A internet 3E: uma internet incorporada, corporificada e cotidiana", *Cadernos De Campo (São Paulo - 1991)*. São Paulo, v. 29, n. 2, 2020, pp. 01-42. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v29i2pe181370>>. Acesso em: 06/04/2023.
- JAMES, Oliver. *The selfish capitalist: origins of affluenza*. London: Vermilion, 2008.

- JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 1997.
- JONES, Charlie. "Comment: Vaporwave and the pop-art of the virtual plaza", *DMY Mag*. Publicado em 12 de julho de 2012. Disponível em: < <https://www.dummy-mag.com/news/adam-harper-vaporwave/?fbclid=IwAR0knfHxxrhNvaU-OxKAx1CdXEPELyFE6sHZYb9XBUHXj1rt1PsRo8YzWN4> >. Acesso em: 19/09/2022.
- KEHL, Maria Rita. *Ressentimento*. São Paulo: Boitempo, 2020.
- KIMMEL, Michael. *Angry white men: American masculinity at the end of an era*. New York: Nations Book, 2013.
- MANDEL, Ernest. *O capitalismo tardio*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- MARCELINO, Giovanna Henrique. "Fredric Jameson, teórico da pós-modernidade", *Práxis Comunal*. Belo Horizonte, v. 2, n. 1, 2019.
- MARQUES, Vitor. "Posfácio". In: Fisher, Mark. *Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?* São Paulo: Autonomia Literária, 2020.
- NOWAK, Raphaël & WHELAN, Andrew. "Vaporwave is (not) a critique of capitalism: genre work in an online music scene", *Open Cultural Studies*. v. 2, n. 1, 2018, pp. 451-462. Disponível em: <<https://doi.org/10.1515/culture-2018-0041>>. Acesso em: 14/06/2022.
- O'NEILL, Cathy. *Weapons of math destruction: how big data increases inequality and threaten democracy*. New York: Crown, 2016.
- PURDY, Sean. "Como não fazer história", *A terra é redonda*. Publicado em 06 de fevereiro de 2021. Disponível em: <<https://aterraeredonda.com.br/como-nao-fazer-historia/>>. Acesso em: 14/06/2022.
- REYNOLDS, Simon. *Retromania: pop culture's addiction to its own past*. London: Faber & Faber, 2011.
- RUPNIK, Jacques. "Hungary's illiberal turn: how things went wrong", *Journal of Democracy*. Baltimore, v. 23, n. 3, 2012, pp. 132-137.
- SAFATLE, Vladimir. *Maneiras de transformar mundos: Lacan, política e emancipação*. Belo Horizonte, Autêntica, 2020.
- \_\_\_\_\_. *O circuito dos afetos*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- SAFATLE, Vladimir; SILVA JÚNIOR, Nelson da & DUNKER, Christian (Orgs.). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- SILVA, Jones Manoel. "Anticomunismo e o fantasma do 'neostalinismo': a 'questão Stálin' na obra de Domenico Losurdo", *Reoriente: estudos sobre marxismo, dependência e sistemas-mundo*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 2021, pp. 155-177.
- SOUZA, Vinicius; OTATTI, Hugo & LANDARINI, Sidarta. "O medo precisa dar vez à coragem", *A terra é redonda*. Publicado em 27 de maio de 2021. Disponível em: <<https://aterraeredonda.com.br/o-medo-precisa-dar-vez-a-coragem/>>. Acesso em: 02/05/2023.
- WAJCMAN, Judy. *Pressed for time: the acceleration of life in digital capitalism*. Chicago: University of Chicago Press, 2014.
- ZUBOFF, Shoshana. *A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.

Recebido em 04 de outubro de 2022

Aprovado em 19 de março de 2023